

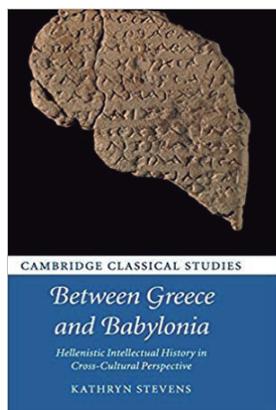
DA BABILÔNIA E GRÉCIA AO MUNDO HELENÍSTICO: UMA PROPOSTA TRANSCULTURAL PARA A HISTÓRIA INTELECTUAL

From Babylonia and Greece to the Hellenistic World: A Trans-cultural Proposal to the Intellectual History

Santiago Colombo Reghin ^a

 <https://orcid.org/0000-0002-7212-2539>
E-mail: santiago_tj96@hotmail.com

^a Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, SP, Brasil.



STEVENS, Kathryn. *Between Greece and Babylonia: Hellenistic Intellectual History in Cross-Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. 454 p.

PALAVRAS-CHAVE

História intelectual. Transcultural. Mundo Helenístico. Grécia. Babilônia.

KEYWORDS

Intellectual History. Cross-cultural. Hellenistic World. Babylonia.

Kathryn Stevens é professora associada no departamento de Clássicos na Durham University, com foco em história do período helenístico. Na década passada, Stevens fez contribuições importantes para a história intelectual antiga através dos seus artigos e capítulos (STEVENS, 2014; 2016; 2019), buscando novas metodologias para estudar as produções intelectuais ao longo do mundo helenístico. Neles, ela segue a recente tendência do campo ao criticar os modelos mais tradicionais da historiografia helenística, os quais têm como principal foco as obras influenciadas pela língua e estilo grego (cf. MOYER, 2011; STROOTMAN, 2020; VERSLUY, 2017). Stevens advoga por uma ampliação dos objetos, espaços e agentes que são analisados pelo campo da pesquisa intelectual antiga ao argumentar que o escopo de fontes não deve ser limitado àquelas oriundas de culturas e indivíduos tocados ou influenciados pela helenização. Contudo, o diferencial de *Between Greece and Babylonia*, a primeira monografia da autora, é o desenvolvimento de suas ideias anteriores de maneira mais concisa, resultando na proposta de uma perspectiva transcultural (*Cross-cultural*) para compreender os diversos contextos intelectuais que perpassa o mundo helenístico. A perspectiva tem como objetivo comparar diferentes culturas e suas produções para compreender suas relações com os fenômenos políticos, culturais e sociais mais amplos do período helenístico, para além do fenômeno da helenização e helenismo. Mesmo reconhecendo o potencial amplo da perspectiva, nesta obra Stevens se mantém na sua área de especialização, tomando a Grécia e a Babilônia como estudo de caso.

O livro é organizado em 8 capítulos e 3 partes. No primeiro capítulo, Stevens faz uma longa introdução dos conceitos, definindo o que entende por “intelectual” e “helenístico”; dos objetivos; do método transcultural; e das fontes com as quais ela se engaja, sendo principalmente os textos de cunho literário e científico da Grécia e Babilônia. O destaque do capítulo é o modo que a autora define o mundo helenístico e os meios de estudar suas produções intelectuais. Stevens quer se afastar do foco exclusivo em centros culturais helenizados (como Atenas, Pérgamo e Alexandria) e da conexão entre o adjetivo “helenístico” e a cultura grega. Para tal, ela desenvolve um senso mais holístico do termo ao utilizá-lo para se referir às propriedades políticas e socioculturais do período, que motivaram e dão base para as mais diversas produções intelectuais.

Stevens explica que tais propriedades podem ser encontradas ao identificarmos algumas mudanças semelhantes e sincrônicas na geografia intelectual grega e babilônica. O objetivo da perspectiva transcultural é identificar se tais mudanças são indícios de respostas paralelas às transformações motivadas pela nova configuração imperial do período – após as conquistas de Alexandre em 330 AEC. Dessa forma, o livro estabelece um programa de pesquisa não helenocêntrico ao conceber o mundo helenístico mais como uma pluralidade integrada pelas redes das dinastias imperiais do que um espaço e tempo definido pela difusão da cultura grega – vendo-a apenas como mais um, de todo modo importante, fenômeno do período. O foco de pesquisa, então, não é apenas analisar uma coleção de produções intelectuais dentro do escopo do período, mas perceber e explicar como as configurações político-culturais afetam e geram ambientes e trabalhos intelectuais semelhantes, dentro de um mesmo mundo integrado. Como comentado, a autora mapeia tais paralelos intelectuais a partir da comparação das produções de indivíduos gregos e babilônicos, os quais mesmo não estando necessariamente conectados, tinham traços semelhantes ao

serem afetados e motivados pelas suas relações (de favorecimento ou resistência) com as redes imperiais.

Para realizar esse procedimento, a autora se utiliza de diferentes perspectivas e metodologias da história intelectual em cada parte do seu livro: na primeira, busca os contatos e influências diretas; na segunda, uma comparação mais tradicional, relacionando temas comuns sem demandar uma conexão entre as sociedades; e na terceira desenvolve a perspectiva transcultural de forma mais aprofundada, fazendo o que a autora chama de comparação estrutural. Os capítulos iniciais (segundo e terceiro) partem de uma perspectiva que Stevens denomina “herodotiana”, considerada mais tradicional e já utilizada por diversos historiadores antigos, quando buscam contatos, transferências, e as origens de conhecimentos. Essa perspectiva tem o mérito de identificar os empréstimos de práticas, ideias, e uma direção de transmissão. Mas ela corre o risco de formular falsos paralelos e desenvolver visões descontextualizadas; não contribuindo para o objetivo de identificar as redes intelectuais e tendências do mundo helenístico priorizadas por Stevens.

No segundo capítulo, demonstrando grade erudição envolvendo a filologia, história da matemática e da astronomia, a autora analisa os conhecimentos celestiais babilônicos para destacar suas influências na cultura grega. As principais fontes são os textos astronômicos, astrológicos e ominosos babilônicos – como *Enūma Anu Enlil* e os tabletes associativos dos microzodíacos – e a literatura celestial grega – como o *Almagesto* e *Tetrabiblos*, de Ptolomeu, e as observações astronômicas de Aristarco, Eratóstenes e Hiparco. Essas influências se encontram principalmente no uso e sistematização do zodíaco e seus signos, nas exaltações das influências dos planetas (*hypsoma*, em grego, e *bīt niširti*, em acadiano), nas mensurações utilizadas e nos pontos de influência entre as estrelas e o corpo humano (chamada de astrologia médica, ou *melothesia*). Um dos pontos positivos do capítulo é o cuidado da autora na análise ao reconhecer as principais lacunas que tal perspectiva apresentam.

O terceiro capítulo tenta resolver as lacunas contextuais da perspectiva herodotiana ao focar em um caso específico de confluência das tradições gregas e babilônicas. Isto é, através da figura de Berossus, um sacerdote do templo de Esagila que escreveu uma historiografia em grego sobre a Babilônia. A questão central do capítulo é se Berossus representa um modelo ou uma exceção para a intelectualidade babilônica, já que se engaja fortemente com os textos e tradições intelectuais gregas (principalmente a historiografia, mitologia e cosmologia). Para procurar respostas, a autora investiga as práticas educacionais do período, que poderiam funcionar como pontes que facilitariam e incentivariam as trocas transculturais. Possíveis evidências dessas práticas seriam os tabletes *Graeco-Babyloniaca*, os textos em sumério e acadiano transliterados no alfabeto grego. Eles oferecem indícios para uma educação no templo engajada com a língua grega, aprendida por, pelo menos, parte dos sacerdotes e escribas. A autora conclui o capítulo (e a primeira parte do livro) explicando que a perspectiva herodotiana, preocupada com os contatos e influências de casos isolados, possibilita demonstra uma conexão entre saberes gregos e babilônicos. Contudo, ela é insuficiente para uma compreensão do contexto, agentes e motivações das trocas ressaltadas, assim como dos padrões transculturais e tendências intelectuais mais amplas do período.

Na segunda parte (capítulos 4 e 5), a autora passa a utilizar o método comparativo tradicional – que não demanda conexões diretas – para perceber diferenças e semelhanças sócio-políticas significativas nas práticas intelectuais gregas

e babilônicas. Ambos os capítulos examinam os catalisadores das vidas intelectuais gregas e babilônicas. O capítulo 4 foca na patronagem real a partir das bibliotecas de Alexandria e de suas análogas na cultura mesopotâmica, principalmente a biblioteca neoassíria de Nínive. Stevens entra em dois tópicos polêmicos na historiografia: se as “bibliotecas” mesopotâmicas serviram de inspiração para a de Alexandria; e se a biblioteca de Alexandria era um centro transcultural cosmopolita que poderia servir de vetor para a cultura babilônica ganhar relevância no meio pan-helênico. Após um engajamento com a ampla produção historiográfica sobre o tema, Stevens chega a uma resposta negativa para ambos os tópicos. Sobre o primeiro, as bibliotecas mesopotâmicas obedeciam a lógicas muito diferentes das gregas, sendo mesmo questionável o uso da categoria de “biblioteca” para aquela. Sobre o segundo, a biblioteca de Alexandria tinha um acervo menos cosmopolita do que a historiografia geralmente enfatiza, e mais focado em temas e escritores próximos à cultura helênica, sendo assim, ela raramente teria interesse em comportar textos em acadiano, ou focados na cultura babilônica além de Berossus.

No próximo capítulo, o foco é a patronagem pessoal pelos reis helenísticos. Nesse ponto, a autora critica a divisão historiográfica que representava os reis, por um lado, como contemplando e participando do meio dos intelectuais, artistas e festivais gregos ou helenizados, e, por outro lado, apenas apoiando, por um interesse estratégico, os rituais e tradições mesopotâmicas. Os casos paradigmáticos analisados são a demonstração do conhecimento da literatura grega por Antígono III, através de sua conversa com Antágoras de Rodes, como relatado por Plutarco e Ateneu; e a apresentação de Antíoco I através de uma ótica babilônica, presente no cilindro de Borsippa. A autora conclui que ambas as tradições (gregas e babilônicas) exerciam a mesma função no interesse real, pois o monarca visa se engajar com as atividades intelectuais dos súditos para se posicionar em papéis apropriados nas tradições locais heterogêneas. Dessa forma, a divisão entre uma adoção legítima do rei à intelectualidade grega e uma relação interessada politicamente e ideologicamente com as outras tradições locais não se sustenta. Em ambos os casos, as questões pragmáticas sobre a cooptação dos súditos e elites estavam em jogo.

Na última parte do livro (capítulos 6 e 7), Stevens desenvolve de maneira mais profunda a perspectiva transcultural que propõe no primeiro capítulo, referida também como uma comparação estrutural. Ela a considera própria para a percepção de relações indiretas em contextos integrados, mesmo que com poucas evidências de contatos diretos. Ela identifica como as tradições gregas e babilônicas se relacionam com as características distintivas do mundo helenístico e respondem de forma semelhante às demandas estruturais do período. O capítulo 6 estuda os repertórios geográficos do mundo helenístico, nas crônicas e diários astronômicos babilônicos, em comparação com os trabalhos botânicos e zoológicos de Aristóteles e Teofrasto. Stevens reconhece como ambas as tradições apresentam alinhamento nos usos de nomes e lugares. A autora interpreta que as mudanças combinadas referentes à topografia dos textos são respostas paralelas às mudanças da geografia política do período. Para ela, a integração do mundo helenístico, representada pela intensificação da circulação de pessoas, bens e informações, proporcionou um aumento mútuo da consciência geográfica dos indivíduos mais engajados com esses movimentos.

O capítulo 7 busca os mesmos alinhamentos e sincronias, agora voltados para o tempo. Para tal, Stevens seleciona e compara indivíduos e textos fora dos grandes centros helenísticos. A primeira parte do capítulo trata de Semos de Delos e Anuaça-

ušabši de Uruk. Ambos são membros de famílias das elites locais e atuantes na vida política e religiosa. A segunda parte do capítulo compara uma fonte grega e outra babilônica, analisando a crônica de Lindo, estela na vila de Rodes que contem as oferendas e dedicações para o templo local, cronologicamente ordenadas desde os tempos míticos até o período helenístico; e, por outro, um tablete cuneiforme copiado por Anu-balāssu-iqbi, de Uruk, que descreve o tratamento da cidade pelo rei Šulgi durante o fim do terceiro milênio. Stevens, considerando o aspecto historiográfico desses quatro textos, aponta que todos constroem o passado com distribuições cronológicas, *topoi*, e padrões narrativos semelhantes. Isso decorre da necessidade dos autores de negociar a identidade e status das comunidades e elites locais frente à nova realidade dos impérios helenísticos. Levando em conta a geografia das fontes analisadas, as historiografias locais não são apenas um fenômeno dos grandes centros helenísticos, mas uma atividade da vida intelectual mais ampla, que se prolifera nas diversas comunidades locais. Elas surgem como afirmações das suas respectivas relevâncias históricas perante as novas condições políticas propriamente helenísticas, que tendem a subjugar o local a um sistema imperial multicultural.

No último capítulo, Stevens resume os principais pontos de cada parte do livro com o objetivo de melhor formular a sua perspectiva transcultural. Nesse capítulo, ela também localiza seu livro dentro de um programa maior, com o intuito de formar uma macronarrativa das tendências intelectuais do período. Ela considera *Between Greece and Babylonia* como uma experiência inicial, ao apresentar estudos de caso localizados, mas já suficiente para evidenciar o potencial da perspectiva.

O principal ganho do livro é destacar como a emergência de estratégias, *topoi* e discursos semelhantes – através dos quais as elites locais usam para se identificar e se apresentar no tempo e espaço – explica-se pelo fato desses objetos pertencerem a (e serem afetadas por) um mesmo mundo integrado. Stevens ainda realça que esse mundo é caracterizado por uma nova organização política: os impérios helenísticos. Outro ponto de destaque da obra está na erudição e capacidade da autora de fazer dois campos tradicionalmente muito fechados, os estudos clássicos e a assiriologia, dialogarem. O livro mostrar de forma concisa que os objetos de ambos os campos, além de se relacionarem ocasionalmente, faziam parte de um mesmo mundo. Dessa forma, evidenciando que as suas divisões estabelecidas nos estudos acabam sendo muito mais disciplinares do que um reflexo das realidades das comunidades passadas.

Uma impressão deixada pelo livro é que Stevens concebe os paralelos e sincronias comentadas majoritariamente como sintomas de uma integração, mas não avança para usar esses casos como um modo complementar de explicar, e não apenas indicar, as mudanças sociopolíticas do período. O livro compreende as partes a partir de uma noção de um todo integrado (o mundo helenístico), mas não realiza o movimento contrário. Seria interessante ver o desenvolvimento em um trabalho futuro de um foco maior, destacando não só em como o local responde ao global, mas como as comunidades locais ajudam a formar a própria totalidade que a autora toma como dada. Com certeza esse movimento contrário estava no horizonte da autora, mas aparece de forma desequilibrada no livro. Contudo, isso é plenamente justificável, pois um estudo do processo de integração do mundo helenístico ultrapassaria o enfoque na dimensão intelectual escolhido por Stevens. Nessa delimitação, que já exige bastante folego, *Between Grece and Babylonia* cumpre bem seus objetivos.

Outro ponto que podemos perceber através do livro é a relação da história antiga e a história intelectual com a perspectiva da história global. A história intelectual, desde

a década passada, tenta travar diálogos consistentes com essa perspectiva através de publicações dedicadas a analisar suas possibilidades e limites (cf. MOYN; SARTORI, 2013). A abertura da história antiga para a perspectiva começou com publicações como *The Corrupting Sea, a study of Mediterranean History* (HORDEN; PURCELL, 2000), e ganhou maior folego na última década (cf. BROODBANK, 2013; STROOTMAN, 2020; VERSLUY, 2017; VLASSOPOULOS, 2013). Mesmo Stevens não apresentando um debate sobre a história global nos seus capítulos iniciais, perspectivas e termos caros a ela são constantes no livro, como “globalização” e “mundos”, mas principalmente “integração”, “redes”, “fluxos” e “macroestruturas”. Esses conceitos são fundamentais para construir os principais argumentos do livro e formar o cenário que sustenta os agentes e dinâmicas estudadas. *Between Grece and Babylonia* demonstrou o potencial analítico da confluência dessas áreas de interesses, assim como constrói de modo concreto uma metodologia para estudar as relações culturais em um mundo integrado, como visto no período helenístico.

De forma geral, esse livro é de grande valor para os interessados na antiguidade e/ou no campo da história intelectual. Para o primeiro caso, o livro identifica dinâmicas relevantes para compreender o período helenístico, principalmente no tocante à forma como as cortes se relacionavam e influenciavam as produções locais e conectavam seus agentes a um mundo e repertório mais amplo. Para o segundo, sobre a história intelectual de forma mais geral, a proposta da autora, mesmo que em diálogo com as tendências mais recentes do campo (i.e., a ampliação do escopo espacial e cultural), apresenta uma originalidade na metodologia para realizar sua pesquisa. A maneira como Stevens correlaciona as produções intelectuais de diferentes sociedades para detectar mudanças políticas e culturais em um contexto amplo poderia servir de inspiração, com o cuidado metodológico necessário, para pesquisas similares em outros espaços e tempos.

REFERÊNCIAS

HAUBOLD, Johannes *et al.* (orgs.) *Keeping Watch in Babylon: The Astronomical Diaries in Context*. Leiden/Boston: Brill, 2019.

HORDEN, Peregrine; PURCELL, Nicholas. *The Corrupting Sea: A Study of Mediterranean History*. Oxford: Blackwell, 2000.

MOYER, Ian S. *Egypt and the Limits of Hellenism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

MOYN, Samuel; SARTORI, Andrew (orgs.) *Global Intellectual History*. New York: Columbia University Press, 2013.

STEVENS, Kathryn. *Between Greece and Babylonia: Hellenistic Intellectual History in Cross-Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. 2019.

STEVENS, Kathryn. Empire Begins at Home: Local Elites and Imperial Ideologies in Hellenistic Greece and Babylonia. In: LAVAN, Myles *et al.* (orgs.) *Cosmopolitanism*



and Empire: Universal Rulers, Local Elites, and Cultural Integration in the Ancient Near East and Mediterranean. New York: Oxford University Press, 2016. p. 65–88.

STEVENS, Kathryn. From Babylon to Baḥtar: the Geography of the Astronomical Diaries. In: HAUBOLD, Joahannes *et al.* (orgs.). *Keeping Watch in Babylon*. Leiden: Brill, 2019. p. 198–236.

STEVENS, Kathryn. The Antiochus Cylinder, Babylonian Scholarship and Seleucid Imperial Ideology. *The Journal of Hellenic Studies*. Cambridge, v. 134, p. 66–88, 2014.

STROOTMAN, Rolf. Hellenism and Persianism in Iran: Culture and empire after Alexander the Great. *Dabir*. Irvine, n. 7, p. 201–227, 2020.

VERSLUYS, Miguel. J. *Visual Style and Constructing Identity in the Hellenistic World: Nemrud Dag and Commagene under Antiochos I*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

VLASSOPOULOS, Kostas. *Greeks and Barbarians*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

NOTAS DE AUTOR

AUTORIA

Santiago Colombo Reghin, Mestrando em História Social na Universidade de São Paulo.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Giacomo Poli, 69, 88270000, Nova Trento, SC, Brasil.

FINANCIAMENTO

Bolsista FAPESP (processo número: 2020/04735-9).

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

PREPRINT

A resenha não é um preprint.

LICENÇA DE USO

© Santiago Colombo Reghin. Esta resenha está licenciada sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.



PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas nesta resenha são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Beatriz Mamigonian
Jo Klanovicz

HISTÓRICO

Recebido em: 9 de junho de 2021

Aprovado em: 7 de março de 2022

Como citar: REGHIN, Santiago C. Da Babilônia e Grécia ao mundo helenístico: uma proposta transcultural para a história intelectual. *Esboços*, Florianópolis, v. 29, n. 51, p. 567-574, maio/ago. 2022. [Seção] Resenha. Resenha da obra: STEVENS, Kathryn. *Between Greece and Babylonia: Hellenistic Intellectual History in Cross-Cultural Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019. 454 p.

